

VIRUS

27

0 DEBATE DECOLONIAL EXPRESSÕES

PORTUGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH

REVISTA . JOURNAL

ISSN 2175-974X

CC-BY-NC-AS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NOMADS.USP

WWW.NOMADS.USP.BR/VIRUS

DEZEMBRO 2023

NOMADS
USP



O DEBATE DECOLONIAL: EXPRESSÕES THE DECOLONIAL DEBATE: EXPRESSIONS

EDITORIAL

- 001 O DEBATE DECOLONIAL: EXPRESSÕES
THE DECOLONIAL DEBATE: EXPRESSIONS
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, THAMYRES REIS, ISABELLA CAVALCANTI, CAIO MUNIZ

ÁGORA

- 004 INVERTIR LA CARGA: PENSAR DESDE NUESTRA EXTERIORIDAD
REVERSING THE LOADING: THINKING FROM OUR EXTERIORITY
SILVIA VALIENTE
- 014 LIMIARES ESTÉTICO-POLÍTICOS DE UM SCHIBBOLETH LATINO NA TATE MODERN
AESTHETIC-POLITICAL THRESHOLDS OF A LATIN SCHIBBOLETH AT TATE MODERN
IGOR GUATELLI
- 025 LA MIRADA DE LOS OTROS MUNDOS Y SUS CONTRADICCIONES
THE GAZE OF OTHER WORLDS AND THEIR CONTRADICTIONS
JOSE ARISPE
- 038 ANÁLISIS DE LOS REGÍMENES DE REPRESENTACIÓN DE LA NATURALEZA Y EL DISEÑO DEL PLURIVERSO
ANALYSIS OF NATURE REPRESENTATION REGIMES AND THE DESIGN OF THE PLURIVERSE
DOMINGO CASTAÑEDA
- 048 DEL SILENCIO AL ESTALLIDO: COMUNIDADES INDÍGENAS Y PROTESTA SOCIAL EN COLOMBIA
FROM SILENCE TO OUTBURST: INDIGENOUS COMMUNITIES AND SOCIAL PROTEST IN COLOMBIA
MARÍA HOYOS, JAIME PARRA
- 058 MUJER INDÍGENA QUILLASINGA: SIGUIENDO HUELLAS, TEJIENDO TERRITORIO
QUILLASINGA INDIGENOUS WOMEN: FOLLOWING FOOTSTEPS, WEAVING THE TERRITORY
MARÍA CAMPIÑO, CARLOS DÍAZ
- 070 OS SABIÁS DIVINAM: VIAS DO SUL GLOBAL NA ANTROPOLOGIA LINGUÍSTICA
SABIÁS DIVINE: PATHWAYS FROM THE GLOBAL SOUTH IN LINGUISTIC ANTHROPOLOGY
GABRIEL GRUBER

083 LA PROPUESTA DECOLONIAL, TRANSCULTURAL Y NEOCULTURAL
EN LOS CORTEJOS DEL DIABLO DE GERMÁN ESPINOSA
THE DECOLONIAL, TRANSCULTURAL AND NEOCULTURAL PROPOSAL
IN GERMÁN ESPINOSA'S LOS CORTEJOS DEL DIABLO
MANUEL SANTIAGO ARANGO ROJAS

092 ARTE-AXÉ: A POESIA DECOLONIAL DOS ORIKIS VISUAIS
ART-AXÉ: THE DECOLONIAL POETRY OF THE VISUAL ORIKIS
FAGNER FERNANDES

105 DECOLONIALIDADE NA OBRA FOTOGRÁFICA DE WALTER FIRMO
DECOLONIALITY IN THE PHOTOGRAPHIC WORK OF WALTER FIRMO
CÂNDIDA DE OLIVEIRA, MURIEL AMARAL

PROJETO

122 PROJETO AFROCENTRADO: RESGATANDO A MEMÓRIA NEGRA NA VILA MATILDE, SP
AFROCENTERED PROJECT: RESCUING BLACK MEMORY IN THE VILA MATILDE DISTRICT, SAO PAULO
GISELLY RODRIGUES, TAINÃ DOREA

PROJETO AFROCENTRADO: RESGATANDO A MEMÓRIA NEGRA NA VILA MATILDE, SP AFROCENTERED PROJECT: RESCUING BLACK MEMORY IN THE VILA MATILDE DISTRICT, SAO PAULO

GISELLY RODRIGUES, TAINÃ DOREA

Giselly Barros Rodrigues é Arquiteta e Urbanista e Doutora em Arquitetura e Urbanismo. É professora e pesquisadora do Instituto Federal de São Paulo, campus São Paulo. É líder do grupo de pesquisa sobre as Relações Étnico-raciais no Território, Arquitetura e Sociedade e integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas. Suas pesquisas concentram-se no estudo dos espaços urbanos públicos e de uso público, arquitetura da paisagem, cidade e relações étnico-raciais. gybarrosrodrigues@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/6485805298131356>

Tainã Antunes Valgas Dorea é Arquiteta e Urbanista. Atua na área de Arquitetura e Urbanismo trabalhando com Inovação e Tecnologia na Construção Civil. Realiza pesquisas sobre industrialização, sustentabilidade, transformação digital e inovação. tai.antunes9@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/4425274856931723>

ARTIGO SUBMETIDO EM 6 DE AGOSTO DE 2023

Como citar esse texto: Rodrigues, G. B., Dorea, T. A. V. (2023). Projeto Afrocentrado: Resgatando a memória negra na Vila Matilde, SP. *VIRUS*, 27, 122-148. <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/856>

Resumo

O presente artigo trata do processo de projeto de Arquitetura da Paisagem Afrocentrado com objetivo de materializar a memória e registrar os territórios negros caracterizados pela oralidade, tal como o samba e o slam, no distrito da Vila Matilde, Zona Leste da cidade de São Paulo. O processo de projeto surge como um resultado à análise decolonial e afrocentrada da materialização da memória na paisagem urbana, a partir da valoração da memória oral de grupos negros no espaço urbano e da identificação das formas de memorialização na paisagem fundamentadas na cosmovisão africana. Busca-se então uma visão contra-hegemônica a partir da escolha do referencial teórico que insere-se no debate decolonial, do mapeamento dos territórios, das visitas de campo e da oralidade presente nas entrevistas com protagonistas locais. O projeto para os territórios negros na Vila Matilde foi materializado a partir da filosofia ubuntu, que representa as dimensões do pensamento e da cosmovisão do povo bantu, o qual teve grande contribuição na cultura brasileira. A pesquisa busca ampliar os debates acerca da afrocentricidade, a memorialização e a práxis projetual no espaço urbano, além de trazer reflexões críticas acerca do eurocentrismo predominante no campo da arquitetura, urbanismo e paisagismo.

Palavras-chave: Arquitetura da paisagem afrocentrada, Projeto afrocentrado, Processo de projeto, Territórios negros, Memória negra

1 Introdução

O Brasil é o país onde há mais negros fora do continente africano, em decorrência da diáspora africana no período escravocrata. Os africanos trouxeram consigo seus conhecimentos técnicos, culturas, línguas e cosmovisão, que contribuíram para a formação da cultura brasileira. Ainda assim, são escassas as marcas destas influências e contribuições na paisagem urbana. Nesta perspectiva, é pertinente promover reflexões acerca do discurso urbano que emerge por meio da paisagem. As memórias podem ser reveladas pela paisagem urbana, relacionando-se com a configuração dos espaços urbanos. Ao abordar tais questões, é possível compreender como as cidades comunicam suas histórias a partir das marcas inscritas na paisagem que contribuem para a construção da identidade urbana. Para Gineste (2016), a cidade pode ser lida como um sistema de memórias, uma vez que explorá-la através de suas lembranças proporciona um meio de delinear a identidade dos diversos bairros que a compõem. Dessa forma, é possível reconstruir a história dos seus espaços e da sua apropriação pelos indivíduos e grupos sociais (Solis, 2019).

O conceito de memória é fruto da constante reinvenção por agentes sociais, não se configurando como mera reconstituição fiel dos fatos. A memória é uma construção social que se desenvolve e é compartilhada dentro de grupos sociais e culturais específicos. Não é apenas uma questão individual, mas também um fenômeno social e coletivo. As pessoas recordam-se das ocorrências inseridas em um contexto social específico e encontram-se influenciadas pelas experiências e valores compartilhados por seu grupo social (Halbwachs, 1992). Lynch (2011) destaca a importância da paisagem urbana para a compreensão e percepção das cidades pelos seus habitantes, explorando como as pessoas formam imagens mentais das cidades com base nos elementos visuais e características da paisagem urbana. Moassab e Name (2020) afirmam que o estabelecimento de repertórios de memória na paisagem exprime classificações de paisagens etnocêntricas e a reprodução violenta de padrões e linguagens arquitetônicas e urbanísticas, que culminam para a destruição e descarte dos modos de saber de cosmovisões de grupos negros e indígenas.

No Brasil, apesar da arquitetura segregadora e opressora (Rolnik, 1989), foi criado um sentimento de comunidade negra em terras brasileiras que culmina nos territórios negros. Estes representam não apenas resiliência e resistência, mas também a busca por dignidade a partir das marcas do povo negro e da afirmação identitária e memorialística diante do apagamento histórico e social. No contexto urbano, a memória negra encontra sua manifestação nos territórios negros, que servem como espaços físicos caracterizados pela identidade territorial. A memória negra brasileira, constantemente apagada e

subvalorizada, apresenta-se em escassos registros escritos ou em imagens, tendo como principal fonte a oralidade caracterizando os territórios.

Este estudo aborda o processo de projeto de Arquitetura da Paisagem a partir de uma perspectiva decolonial, e, para além desta, afrocentrada, para espaços urbanos que conduzem a um percurso de territórios negros mapeados no distrito da Vila Matilde, localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo¹. Buscou-se então, construir o referencial teórico a partir de autores contra-hegemônicos: negros, mulheres, latino-americanos, africanos e decoloniais. A contribuição da oralidade como ferramenta decolonial faz parte do procedimento metodológico contra-hegemônico desta pesquisa a partir dos depoimentos coletados e entrevistas realizadas com alguns personagens da região, que, através do registro oral, permitiram abarcar outras narrativas obtendo uma compreensão maior da história e das necessidades do território. Tais procedimentos ocorreram paralelamente à elaboração de registros acadêmico-científicos, levantamentos de campo e estudo morfológico urbano consultados em bases cartográficas.

O embasamento teórico e diagnóstico realizados associados aos estudos de projetos de Arquitetura da Paisagem de autores com temáticas centrais sobre a comunidade negra, contribuíram para o desenvolvimento do projeto afrocentrado e decolonial para o recorte delimitado na região. É importante salientar que o desenvolvimento desta pesquisa se deu no período da pandemia da Covid-19, em 2021. A organização do artigo desdobra-se em tópicos: o primeiro aborda o entendimento da perspectiva desta pesquisa e processo de projeto a partir dos conceitos de afrocentricidade e decolonialidade; o segundo versa sobre a região da Vila Matilde, o recorte geográfico realizado e os territórios negros cartografados a partir das afrografias da memória; o último, apresenta o processo de projeto de Arquitetura da Paisagem Afrocentrado desenvolvido para territórios da Vila Matilde.

2 Decolonialidade e Afrocentricidade: Um olhar para o projeto

A decolonialidade “não se constitui num projeto acadêmico que obrigaria aqueles que a adotassem a citar seus autores e conceitos chaves, nem se constitui numa espécie de universalismo abstrato” (Bernardino-Costa e Grosfoguel, 2016). A busca pelo debate decolonial no campo da arquitetura e urbanismo é motivada pela urgência em explorar perspectivas alternativas propostas por autores não alinhados com a hegemonia dominante. Esta, visa superar as narrativas tradicionais e eurocêntricas, possibilitando a construção de práticas projetuais mais inclusivas e críticas. A imposição do processo de dominação pelo colonialismo europeu desencadeou no surgimento da perspectiva eurocêntrica do conhecimento, legitimando as ideias e práticas de relações hierárquicas entre os conquistadores e os povos conquistados, estabelecendo uma dinâmica de superioridade e inferioridade. Logo, os povos conquistados e suas realizações intelectuais e culturais foram subjugados, sendo relegados a uma condição de inferioridade natural (Quijano, 2005).

Embora a decolonialidade ressalte a importância do combate ao racismo, a busca pela ruptura dos elementos de dominação propostos pelo pensamento decolonial não se restringem apenas às culturas africanas. Diante disso, buscou-se complementá-la com a abordagem de epistemologias que repensem a figura do africano, tanto no continente como na diáspora, tais como a teoria da afrocentricidade desenvolvida por Asante (2016). A afrocentricidade visa revalorizar a perspectiva e os conhecimentos afrodescendentes, propondo uma reafirmação da identidade e cultura africanas no contexto global. O debate decolonial enriquecido pela abordagem da afrocentricidade, almeja mudanças de paradigmas mais abrangentes. A subjetividade do africano, tanto no continente quanto na diáspora, submetida a mais de 500 anos de distanciamento de suas produções epistemológicas e culturais, foi forçada à dominação e contextualização eurocêntrica. Enquanto a afrocentricidade destaca o africano como um produtor de conhecimento através da “consciência coletiva, valorizando a cooperação, a coletividade [...] Esses valores são fundamentados em uma compreensão profunda das ideias

¹ Projeto realizado durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de São Paulo, campus São Paulo, em 2021, duas mulheres negras (orientadora e orientanda). O trabalho recebeu menção honrosa e de destaque no eixo equidade e diversidade no Prêmio Projetando o Futuro, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo em 2022.

culturais africanas e embasados no estudo e reflexão de sociedades africanas específicas, de forma transgeracional e transcontinental” (Asante, 2016, p. 12).

Enquanto a decolonialidade busca a ruptura a partir de uma agenda sul-americana, a afrocentricidade foca na restauração através da cultura africana (Almeida, Reis & Silva, 2020). Ao repensar a produção de conhecimento a partir destas epistemologias, diferentes abordagens podem surgir para pesquisas acadêmicas no processo projetual. As visões afrocentradas e decoloniais podem ser lidas como formas de reconstituição da história, memória e identidade do povo negro. Nascimento (2002) afirma que a perspectiva de um futuro mais promissor para a população negra no Brasil, livre das influências do pensamento colonial, requer uma mobilização e organização coletiva com o objetivo de construir uma ciência histórico-humanista. Essa deve sintetizar e interpretar as experiências vividas pelos negros fortalecendo e consolidando suas identidades.

Ao compreender as narrativas contra-hegemônicas relacionadas às leituras urbanas, é possível observar que as formas de ocupação negra no espaço urbano e sua participação na estruturação das cidades têm sido invisibilizadas. A cultura dominante tem ignorado as formas de produção historiográfica relacionadas ao povo negro. Reconhecer e valorizar epistemologias contra-hegemônicas é crucial para revisar as narrativas históricas e urbanas, tornando-a mais representativa partindo da história e cultura afro-brasileiras. A produção do território, que norteia a inscrição da memória na paisagem através da arquitetura e elementos paisagísticos, mostra-se ainda um veículo reprodutor de narrativas hegemônicas, quando prioriza o monumentalismo e torna-se ferramenta de memória coletiva focada nos grupos dominantes. Resgatar as memórias reconhecendo e cartografando os territórios negros em uma região não-central e posteriormente pensar no processo projetual, indica um caminho possível para trabalhar um projeto Afrocentrado de Arquitetura da Paisagem.

3 Afrografias da memória na Vila Matilde

Para Martins (2013), as “afrografias da memória” exploram narrativas produzidas por escritoras afro-brasileiras como forma de resistência, resgate de memórias e reafirmação de identidades. A autora destaca a importância das narrativas como ferramentas de visibilidade para a valorização das culturas e identidades negras no Brasil. As afrografias desconstruem estereótipos, resgatam histórias apagadas e contribuem para a construção de memórias coletivas que englobam as vivências e experiências da comunidade negra, subvertendo narrativas hegemônicas.

[...] As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e modus constitutivos, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou orais, com que se confrontaram. E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira [...] (Martins, 2021, pp. 31-21).

A região definida para a pesquisa localiza-se na Zona Leste da cidade de São Paulo, no distrito da Vila Matilde, o recorte geográfico definido compreende os bairros da Vila Dalila, Vila Matilde e Vila Guilhermina (Figura 1). Torna-se relevante mencionar que, em 1989, a constituição da população do distrito era de 27% de não-brancos (Rolnik, 1989), o distrito com maior número de negros da Zona Leste de São Paulo. Atualmente, o distrito apresenta 25,4% da população de pretos e pardos, conforme dados da Rede Nossa São Paulo (2021). A delimitação foi realizada para permitir análises mais detalhadas das características, histórias e personagens que relacionam-se com os bairros. As trajetórias negras nos bairros do distrito permitem relacionar a formação dos territórios negros que surgiram em São Paulo em bairros não-centrais, no processo de urbanização da cidade. Assim como, analisar as sociabilidades presentes no distrito possibilitando abordar as formas de (re)existências que os negros desenvolveram num contexto de exclusão e segregação de constituição da cidade, entendendo-as como fontes historiográficas.



Fig.1: Mapa com a delimitação dos bairros estudados no distrito da Vila Matilde e do percurso proposto no projeto. Fonte: Base Cartográfica MDC/SMUL, 2021. Acesso em: 01/07/2021.

As dinâmicas urbanas que ocorreram no atual distrito da Vila Matilde no século XX tornam-se cruciais para a compreensão das primeiras territorialidades negras nos bairros do distrito, tal como a Vila Matilde e Vila Dalila, representadas pelas rodas de samba e batucadas nas ruas. Tal cenário é exemplificado quando relaciona a formação das rodas de samba da Nenê de Vila Matilde aos assentamentos populares, que decorrem da existência da Estrada de Ferro Central do Brasil, a alta concentração da população negra, e a tradição carnavalesca do bairro contíguo ao atual distrito da Vila Matilde, denominado Vila Esperança (D’Andrea, 2010). Tais formações dialogam com a procura de lazer e ocupação do espaço público frente às problemáticas das periferias, considerando que os novos loteamentos da região eram desprovidos de equipamentos culturais públicos.

Alguns terrenos baldios e áreas vazias do distrito eram utilizados para divertimento da população, com “intenso processo de urbanização, essas áreas foram ocupadas” (Doro, 2006, p. 77), impactando diretamente na organização morfológica dos bairros do distrito. Além disso, outra justificativa para a malha urbana não ortogonal presente no recorte espacial, é o aspecto rural que caracterizava a área. De acordo com Doro (2006), os primeiros moradores da área eram camponeses europeus, muitos adquiriram terrenos para realizar pequenas plantações.

Em relação à comunidade negra local, o “sentimento de pertencimento ao lugar de moradia era muito significativo” (Belo, 2008, p. 28), fato reiterado quando, no início da formação das escolas de samba Nenê de Vila Matilde e Flor de Vila Dalila, rodas de samba e encontros ocorriam nas casas de membros e nas proximidades, tal como comenta Cláudio Pedro Barbosa

Adão, o “Manteiga”, sobre a formação da escola: “[...] a gente se reunia na casa do Brandão, [...] então ele foi o mentor disso tudo” (Museu da Pessoa, 2015). Quanto ao espaço urbano, grupos sociais passaram por intensa reflexão sobre a coletividade, promovendo novos debates acerca da cidade, representando um avanço na compreensão da cidade que é reconhecida como um espaço público coletivo, destacando-se como um território de uso comum e democrático (Rodrigues, 2018). Nesse sentido, mesmo que ainda não haja equipamentos culturais no distrito, grupos se organizam para ocupar o espaço público que torna-se palco de manifestações culturais e apropriação urbana, embora as rodas de samba não ocorram mais nos espaços originais.

Reflexo das alterações urbanas no distrito, como a criação de vias como a Avenida Aricanduva e Radial Leste, além da implantação da Linha 3, Vermelha do metrô, e das manifestações culturais que emergem após 1980 na cidade de São Paulo, as batalhas de poesia denominadas de slam poetry ganham espaço no espaço público após os anos 2000. As batalhas são representadas pelas concentrações de slammers no metrô Guilhermina-Esperança, surgindo o slam da Guilhermina. Essas formas de lazer e ocupação de espaço público na Vila Matilde desdobraram-se a partir da musicalidade e da poesia, representadas pelas rodas de samba e do slam como forma de (re)existência. A seguir apresenta-se os espaços cartografados levantados a partir das manifestações culturais negras descritas.

Bilheteria

A bilheteria da antiga estação Central do Brasil apresentada na Figura 2, localiza-se no Viaduto Vila Matilde e foi considerada um território negro, já que sua participação na formação dessas territorialidades foi responsável pela alocação dos negros na região. A relação da estação de trem com a comunidade negra é ressaltada nos relatos do Nenê de Vila Matilde, quando afirma sobre suas trajetórias na cidade com os grupos de samba e a estação de trem como extensão das rodas de samba. “Tinha uma venda perto da estação e fomos pegar uns caixotes para apoiar o pé e dar um jeito a mais de tocar.” (Braia & Silva, 2000, p. 38). Hoje encontra-se abandonada.

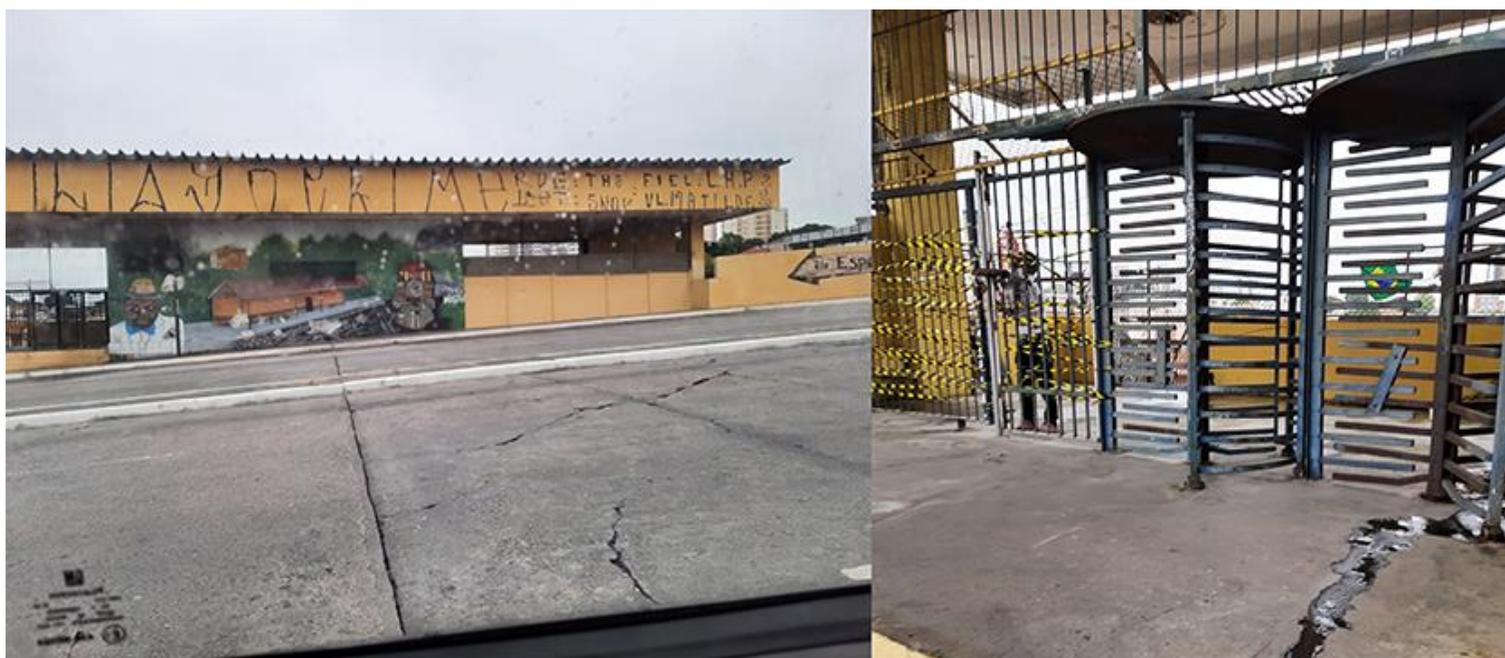


Fig. 2: Fotografias da antiga Bilheteria da Estação Vila Matilde em abandono (fachada e acesso). Fonte: Dorea, 2022.

Largo do Peixe

O Largo do Peixe localizado na Vila Matilde — apresentado na Figura 3 — constituiu-se como importante território para a estruturação da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde. Os relatos de Alberto Alves da Silva (Nenê de Vila Matilde, um dos fundadores da escola) permitem compreender a dinâmica do espaço na década de 1950, quando ocorriam as rodas de samba, no início da formação e ocupação do distrito. De acordo com o sambista, “o lugar era só mato, brejo, e não era

chamado Largo do Peixe [...] mas também era chamado de Largo do Peixe, porque entre nós tinha um pessoal que vendia peixe no Largo.” (Braia & Silva, 2001, p. 41). O espaço foi abandonado ao longo dos anos (Celestino, Dorea & Melo, 2021) conforme noticiado na década de 1970 no Diário da Noite:

Há coisas que a população do Largo do Peixe e das proximidades não entende. Uma delas é o abandono em que se encontra o tradicional ponto de encontro da Vila Matilde. Afinal de contas, ali no Largo do Peixe nasceu hoje a tão famosa “Nenê de Vila Matilde” (Srs. da Regional da Penha, anotem o endereço da Vila Matilde, 1979, p. 6).



Fig. 3: Fotografia do Largo do Peixe. Fonte: Dorea, 2022.

Rua José Piedade, nº 21 e Avenida Dalila, nº 700

As informações da Escola de Samba Flor de Vila Dalila decorrem, principalmente, de fontes orais, tal como o ex-integrante Cláudio Adão e o blog da escola. Ela surge onde hoje localiza-se o barracão da Escola de Samba, na Avenida Dalila, número 700, registrada na Figura 4. O surgimento coincide com a formação do time de futebol denominado Margarida, este reunia rodas de samba e bailes. Antônio Rosa, importante figura da Escola, torna-se protagonista nessa consolidação, quando os bailes passam a acontecer também em sua casa, na Rua José Piedade, número 21 (Figura 5).



Fig. 4: Fotografia do Grêmio Recreativo Cultural Escola Flor de Vila Dalila (Avenida Dalila, n. 400). Fonte: Dorea, 2022.



Fig. 5: Fotografia da antiga casa de Antônio Brandão (Rua José Piedade, n.21). Fonte: Dorea, 2022.

Praça Guilhermina-Esperança

O *Slam* da Guilhermina surge em 2012, na estação de metrô Guilhermina-Esperança, a iniciativa de Alcade, partiu da rotina de descer na estação de metrô, notando o potencial da praça para a realização de *slams* ou saraus, além do fácil acesso, “ela também é uma praça que lembra um teatro de arena, pois tem forma circular delimitada por bancos” (Melo, 2021, p. 91), conforme apresentado nas Figuras 6. Além disso, o seu histórico em outros saraus periféricos, o levou a disseminar as manifestações artísticas para a Zona Leste. O *Slam* (Figura 7) constitui-se como “o primeiro *slam* em praça pública do mundo” (Melo, 2021, p. 85), configurando-se como um canal à cultura marginal e voz para a população periférica expor a sua literatura.



Fig. 6: Praça no Metrô Guilhermina Esperança. Fonte: Dorea, 2022.



Fig. 7: Fotografia do evento promovido pelo Slam da Guilhermina. Fonte: Dorea, 2022.

4 Arquitetura da Paisagem Afrocentrada: Processo e Projeto

A partir dos territórios negros cartografados na Vila Matilde, foi desenvolvido um percurso de conexão entre estes espaços, considerando também a oralidade e as manifestações culturais negras, como o samba e o slam. Essa interligação foi elaborada por meio do entendimento da filosofia africana ubuntu que será explicitada a seguir. Na sequência, foram cartografados os territórios que marcam a história e atualidade negras, assim como as escolas no entorno do trecho mapeado, pois durante a pesquisa, a partir das vivências das autoras negras e periféricas, levantou-se a hipótese de que, as escolas periféricas públicas, poderiam também ser consideradas territorialidades negras. Entendendo que a sociabilidade entre os estudantes e a cultura periférica impregnada em suas vivências, podem fortalecer o senso comunitário, ancestral, de pertencimento e acolhimento coletivo. Por outro lado, quando estes rompem os muros da escola periférica e penetram em instituições localizadas em regiões centrais e de maioria branca, os laços estabelecidos territorialmente podem não existir e o ambiente opressor pode se apresentar ainda mais hostil para as pessoas negras.

As escolas destacam-se não apenas como espaços de aprendizado sobre a população negra e reflexões epistemológicas, mas também como locais de sociabilidade e oralidade. Com este enfoque, a ligação a partir de percursos que se conectam na paisagem urbana buscou estabelecer uma conexão sólida com a comunidade. O percurso proposto pode ser realizado a pé, de bicicleta ou utilizando transporte público, estimulando a apropriação do espaço público. Tal abordagem visa proporcionar acessibilidade e inclusão, possibilitando o usufruto do trajeto de maneira mais democrática e integrada ao cotidiano. Ao conectar os territórios negros, as manifestações culturais e as escolas, almeja-se criar experiências que valorizem a história e a cultura afro-brasileira, estimulando a troca de conhecimentos, a identidade local e o fortalecimento dos laços comunitários.

A iniciativa pode contribuir para a promoção da diversidade cultural, o combate ao racismo e a construção de uma cidade mais inclusiva. Essa proposta de conexão entre os territórios negros — assumindo as escolas públicas como parte destes, conforme apontado na Figura 8, podem contribuir com o cumprimento da Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade da inclusão de história e cultura afro-brasileira nos currículos da rede de ensino. Para o entendimento do entorno e dos pontos levantados para o percurso, realizou-se uma análise do território com base em vários elementos: a presença de equipamentos de educação, pois o percurso possui caráter educativo; as características morfológicas e a análise da mobilidade entre os pontos definidos. Realizou-se também análises dos territórios, objetivando compreender a disponibilidade de acesso aos territórios por meio do transporte público.

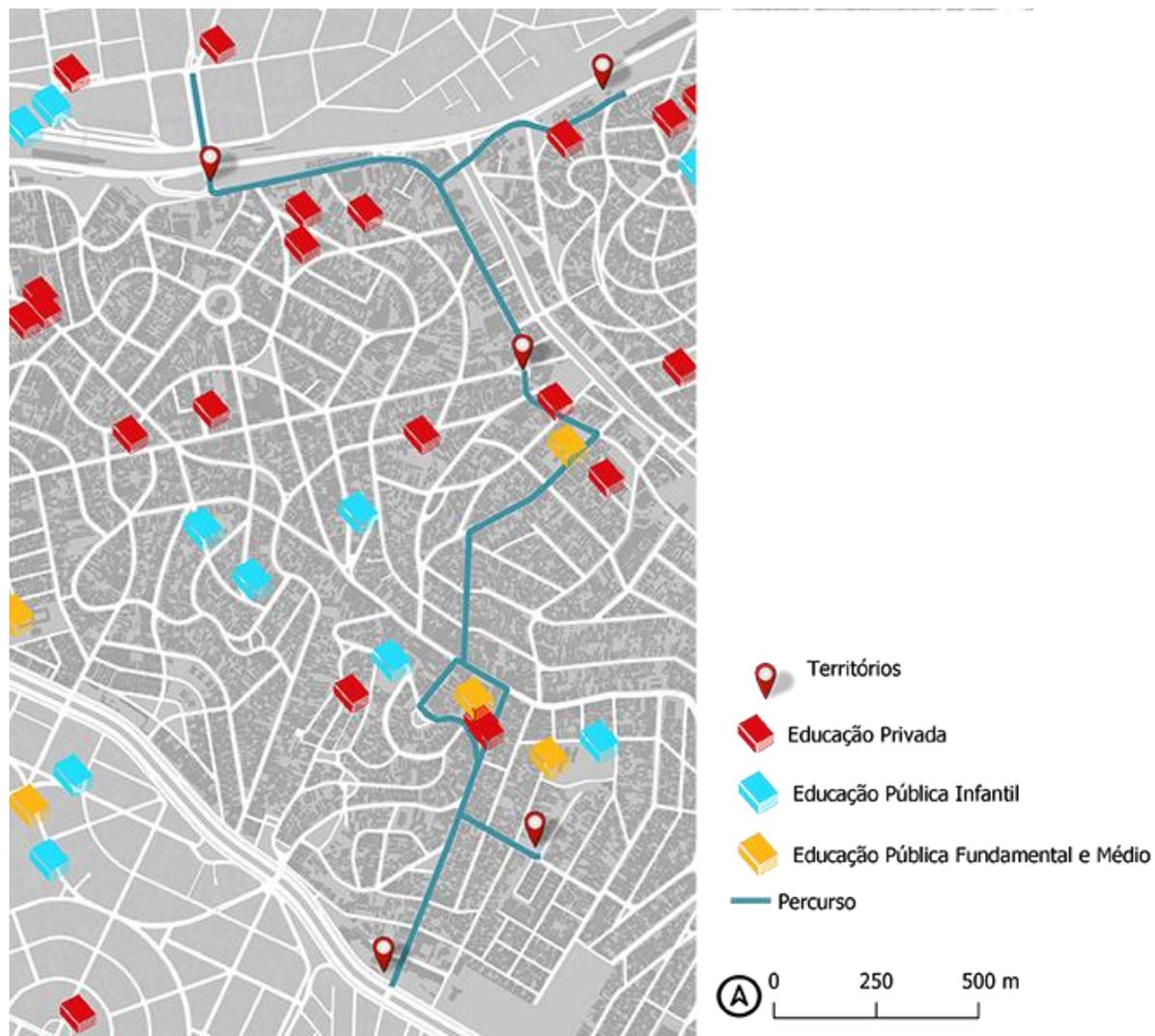


Fig. 8: Mapa com as escolas próximas ao percurso. Fonte: Base Cartográfica MDC/SMUL adaptado pelas autoras, 2022. Acesso: 03/08/2021.

Foram também realizadas visitas de campo, mapeadas na Figura 9, para maior compreensão dos problemas e potencialidades presentes nos territórios. Tal análise permitiu maior entendimento das condições reais e dos desafios existentes. A combinação das diferentes abordagens — análise de equipamentos, aspectos morfológicos, transporte público e análises locais — proporcionou embasamento para a definição do partido do projeto, além da identificação das principais considerações a serem abordadas no desenvolvimento das suas diretrizes do processo de projeto afrocentrado.

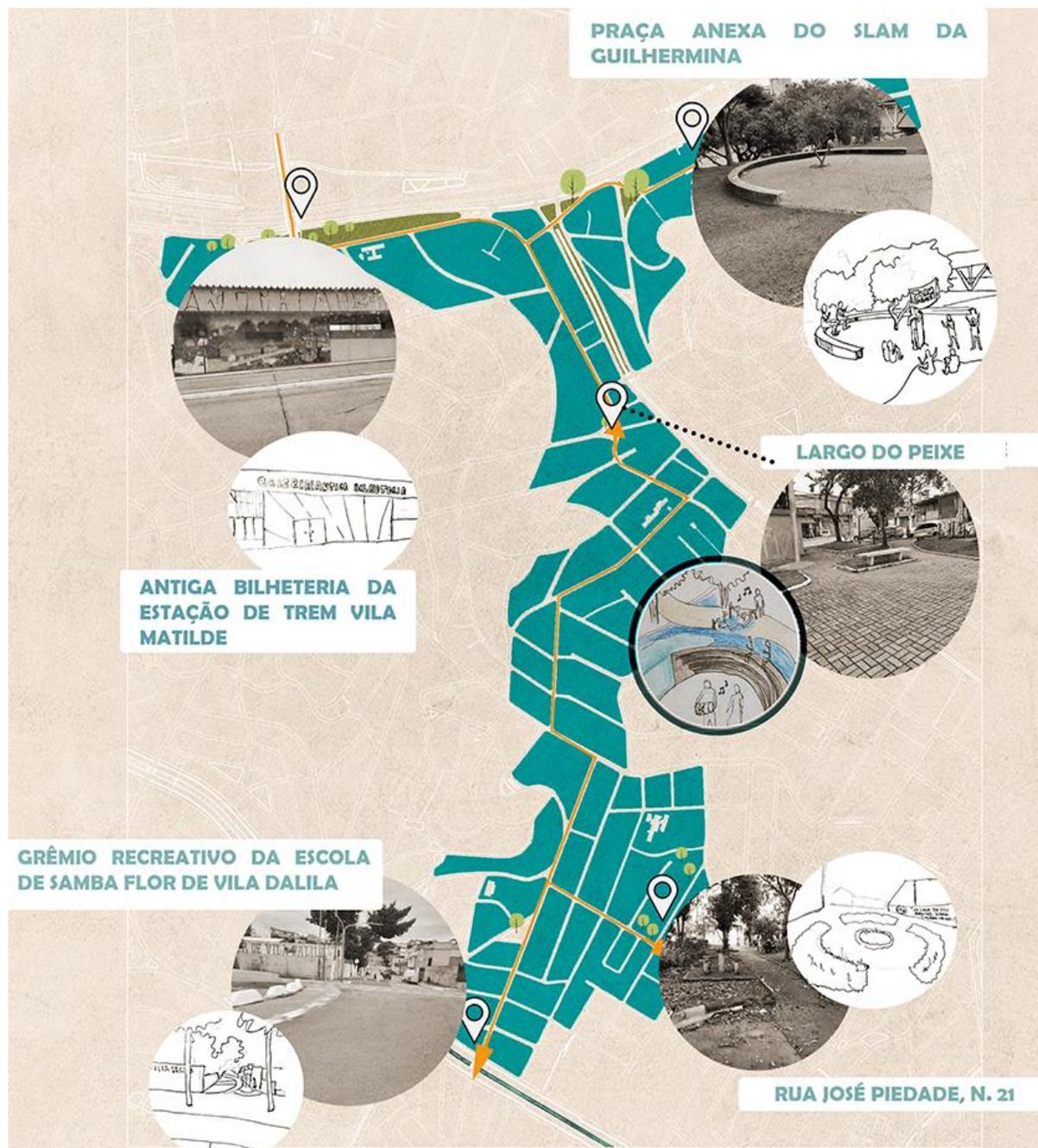


Fig. 9: Mapa realizado a partir das visitas de campo com os territórios negros mapeados. Fonte: Dorea, 2022.

Kuumba: O Processo

O processo do projeto foi denominado *Kuumba*, que significa criatividade em suaíli, de acordo com Noguera (2012), *Kuumba* é a capacidade de criar a partir da ancestralidade para configurar uma comunidade futura melhor. *Kuumba* sintetiza o caminho percorrido durante o processo de projeto afrocentrado com o objetivo de repensar a materialização do registro da presença e participação negra no distrito da Vila Matilde a partir dos valores africanos na diáspora. O processo projetual afrocentrado, aqui, faz-se protagonista, uma vez que a proposta exige repensar o espaço urbano, no campo da Arquitetura da Paisagem, do modo cartesiano que geralmente é proposto nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo. Logo, há maior demanda para compreender a filosofia, a cosmovisão e os conhecimentos africanos, de forma a analisar seus símbolos, para posteriormente materializar as ideias, esboçando a concretização de um projeto decolonial.

O percurso que interliga os territórios negros mapeados foi elaborado a partir do entendimento da filosofia africana *ubuntu*, palavra presente nos idiomas sul-africanos Zulu e Xhosa, cuja existência é definida pela existência de outras existências

(Cunha Junior, 2010). Dessa forma, o mundo é compreendido como uma teia de relações entre ancestralidade, comunidade e natureza (Malomalo, 2019), permitindo uma compreensão do mundo como uma cadeia de processos. *Ubuntu* possui relação direta com os valores sociais africanos, que se relacionam à oralidade, à ancestralidade e à natureza. A filosofia da oralidade remete à filosofia *Ubuntu*, quando esta convida ao encontro e ao diálogo. Além disso, a ancestralidade e o *ubuntu* relacionam-se diretamente quando o ancestral, para o povo bantu, possui uma ligação direta com a manutenção da comunidade.

Após os estudos do referencial estabelecido, das visitas de campo e da interlocução com personagens da região, as etapas do processo do projeto foram: estudar a compreensão africana da memorialização da paisagem; estreitar o estudo na cosmovisão dos povos africanos que influenciaram a cultura brasileira (povos bantu); espacializar as dimensões do pensamento e da cosmovisão bantu representada pela filosofia *ubuntu* e fomentar diretrizes para o projeto definindo o partido paisagístico. O processo de investigação teve início no estudo da compreensão africana da memorialização na paisagem. De acordo com Harriet Ngubane, as tradições e práticas africanas incluem formas de memorialização que não estão restritas apenas a edifícios comemorativos ou monumentos (Vosloo & Young, 2020).

Esta visão é complementada a partir do processo de memorialização do projeto proposto por Sara Zewde para o Cais do Valongo no Rio de Janeiro. Neste, foi abandonada a ideia tradicional ocidental de memorial, que se baseia na marcação de tempo em que o evento permanece firmemente no passado, representado por meio de monumentos individuais, como estátuas, obeliscos e placas com nomes inscritos (Reut, 2018). Zewde, por sua vez, busca incorporar o passado e o presente na concepção do projeto através da cultura afrodescendente, indo além do simples ato de lembrar e honrar, conforme apresentado na Figura 10. A partir das análises acerca da memorialização do espaço sob a perspectiva africana, buscou-se compreender a cosmovisão e os valores intrínsecos à cultura africana. Diante da multiplicidade de povos e etnias, o estudo da diáspora africana direcionou o olhar para os povos que exerceram uma influência significativa na cultura e identidade negra brasileira, os bantu.



Fig. 10: Imagem ilustrativa do projeto de Sara Zewde para o Cais do Valongo. Fonte: Landscape Architecture Magazine, 2021 Disponível em: <https://landscapearchitecturemagazine.org/tag/sara-zewde/>. Acesso em: 24/06/2021.

Os bantu se destacam como um conjunto de grupos reunidos por afinidades etno-linguísticas e culturais, localizados nos atuais territórios da África Central, Centro-Occidental, Austral e parte da África Oriental. Eles foram o grupo predominante entre todos os africanos escravizados que foram trazidos para o Brasil. O processo criativo desenvolvido ganha destaque na definição do projeto, pois busca materializar a decolonialidade e a afrocentricidade na práxis projetual, com o objetivo de desconstruir e romper com a corrente arraigada do eurocentrismo presente na práxis projetual. Mais do que o produto final, o processo reflete o percurso e o desenvolvimento da sua concepção, que busca compreender as quatro diretrizes propostas: conexão, ancestralidade, natureza e oralidade, apresentado na Figura 11 seguindo o percurso definido e cartografado, a partir do pensamento africano representada pelo *ubuntu*.

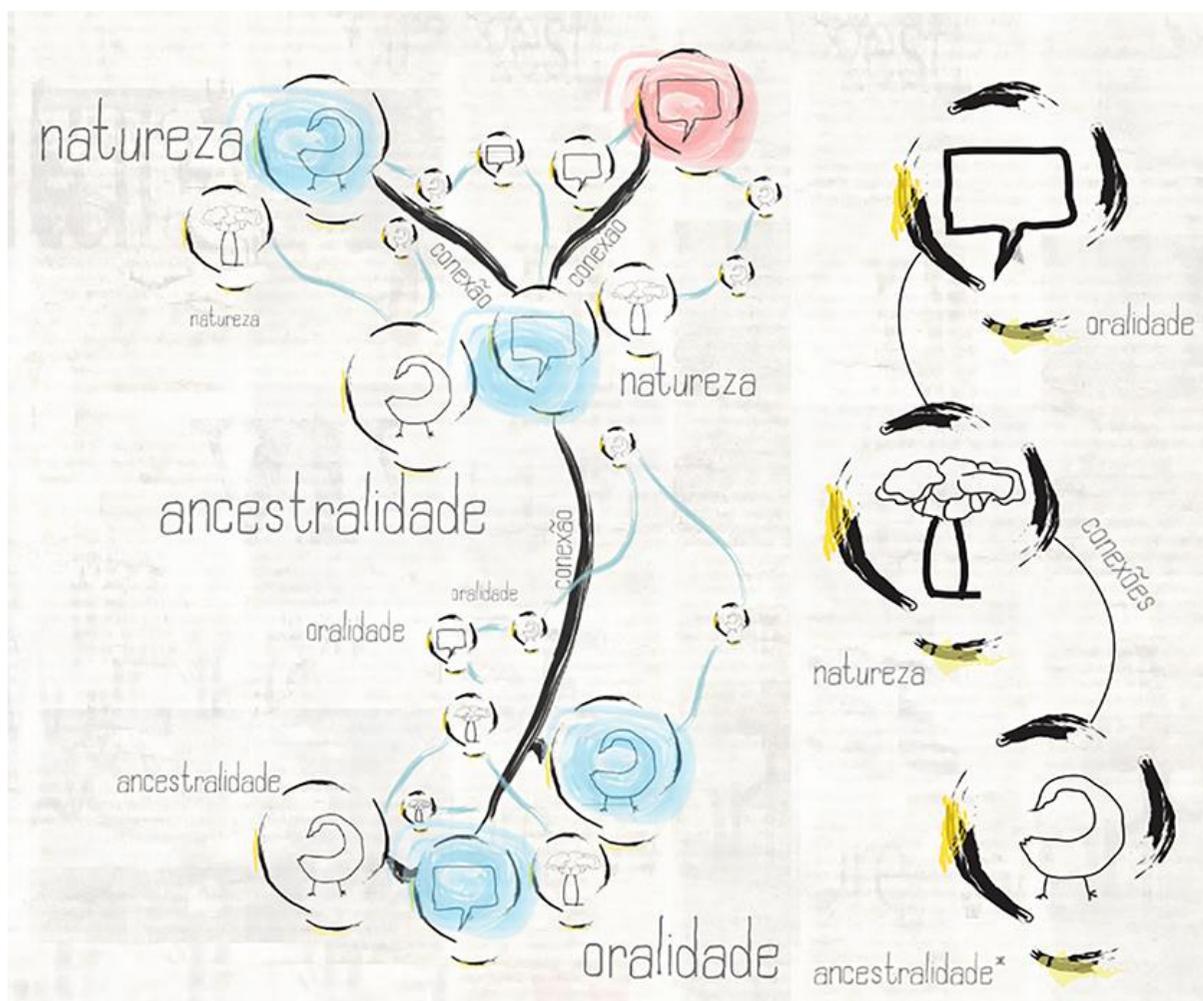


Fig. 11: Diagramas com as diretrizes do projeto. Fonte: Dorea, 2022.

O entendimento das interconexões e relações expressas pelo *ubuntu*, onde a natureza (*kintu*), a comunidade (*bantu*), a ancestralidade e a oralidade (*muntu*) são destacadas, desempenha um papel fundamental na elaboração do projeto. A partir das diretrizes que se atrelam diretamente à filosofia *ubuntu*, foram realizados croquis e estudos de materialização dessas dimensões nos espaços públicos dos territórios negros cartografados, associando-as às características culturais que definem os territórios negros do distrito da Vila Matilde. Os estudos iniciais realizados em croquis, levaram em consideração os aspectos estudados acerca da memorialização a partir da cosmovisão africana. Buscou-se soluções de desenho na materialização de símbolos, formas e cores que se articulam com a história e memória negras. A Figura 12 ilustra o estudo da organicidade e ritmo que caracterizam as manifestações culturais dos territórios negros do distrito a partir dos movimentos do samba e da roda, tais símbolos foram aplicados no desenho formal dos espaços urbanos.



Fig. 12: Imagens e croqui ilustrando o processo de projeto. Fonte: Dorea, 2022. Casal de mestre-sala e porta-bandeira da Nenê, no carnaval 2009. Fonte: Adaptado de Wikipedia, 2009. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nen%C3%AA_de_Vila_Matilde. Acesso em: 06/08/2023. Fotografia do evento do slam. Fonte: Motta, Rodrigo, 2017. Acesso em: 06/08/2023.

Por fim, a paleta de cores levou em consideração as cores das bandeiras das escolas de samba Nenê de Vila Matilde e Flor de Vila Dalila e a bandeira do *Slam* da Guilhermina, predominando o azul, vermelho e amarelo nas cores utilizadas no projeto e ilustradas na Figura 13.



Fig. 13: Bandeira da Nenê de Vila Matilde. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nen%C3%AA_de_Vila_Matilde#/media/Ficheiro:Nen%C3%AA_Vila_Matilde.jpg. Acesso em: 06/08/2023. Bandeira da Flor de Vila Dalila. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Flor_da_Vila_Dalila#/media/Ficheiro:Flor_da_Vila_Dalila.png. Acesso em: 06/08/2023. Bandeira do Slam da Guilhermina. Fonte: Twitter. Disponível em: https://pbs.twimg.com/profile_images/1101175590386835456/b8k4D7z_400x400.png. Acesso em: 06/08/2023

O Projeto Afrocentrado

O projeto Afrocentrado de Arquitetura da Paisagem pode representar um passo em direção a construção de uma abordagem arquitetônica, paisagística e urbanística conectadas às raízes culturais e históricas afro-brasileiras. Como o projeto insere-se na escala urbana, foi desenvolvido um plano urbano a partir do processo criativo e das diretrizes definidas: oralidade, ancestralidade, conexão e natureza. Este, contempla intervenções na paisagem que englobam:

- Os territórios cartografados: Largo do Peixe, Avenida Dalila, n.700, Rua José Piedade n.21, a Praça anexa ao metrô Guilhermina-Esperança e a Antiga Bilheteria da Estação de trem Vila Matilde;
- A comunidade: Representada pelas escolas públicas, onde foram propostas inserção de bibliotecas urbanas, chamadas de oralitura urbana;
- O percurso de interligação entre os territórios: Abrange os espaços livres que compõem o trajeto, denominadas territórios de transição ancestral;

O plano urbano, ilustrado na Figura 14, espacializa as propostas gerais do projeto destacando também as alterações formais realizadas nos territórios negros cartografados, que priorizam um traçado orgânico e materializam soluções projetuais estruturadas a partir da filosofia *ubuntu*. Nos tópicos a seguir serão explicadas quais soluções projetuais foram adotadas para cada uma das 4 diretrizes de projeto: Conexões, Natureza, Oralidade e Ancestralidade, estas estão vinculadas ao partido do projeto afrocentrado.

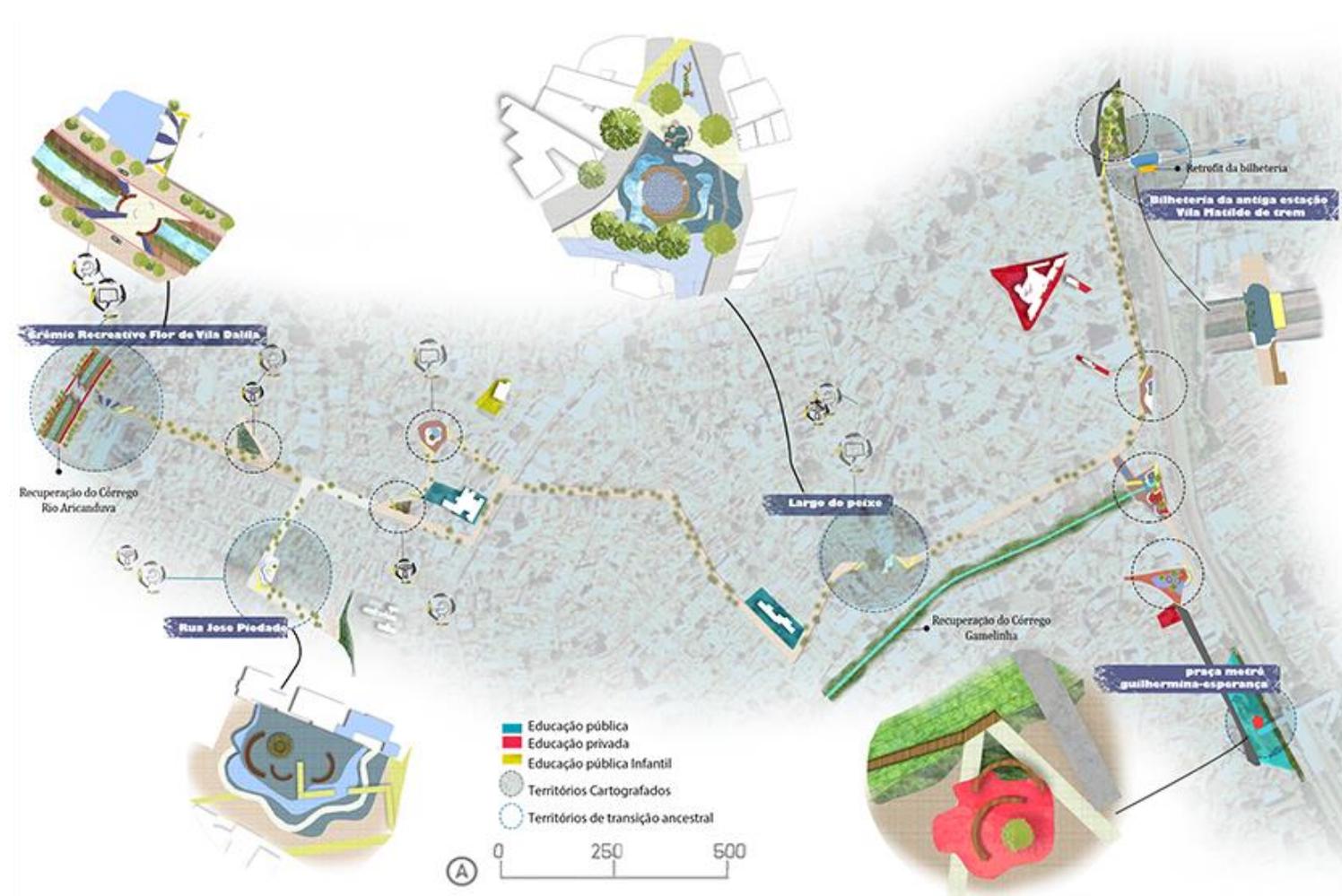


Fig. 14: Plano urbano. Fonte: Dorea, 2022.

Conexões

As conexões são estabelecidas por meio da proposição de um corredor verde que conecta os territórios cartografados e os de transição ancestral, indicado anteriormente na Figura 14. Estes territórios são, em sua maioria, áreas livres, o que possibilita a criação de um sistema verde urbano, promovendo a biodiversidade e a conexão com a natureza. Além disso, há proposições específicas para os territórios cartografados carentes de urbanidade que conectam-se ao sistema de espaços livres urbanos. As Figuras 15 e 16 ilustram o conceito do projeto afrocentrado materializado nos espaços que contemplam mobiliários e equipamentos urbanos diversificados, desenhos e cores da pavimentação associados à memória negra e símbolos já destacados anteriormente.

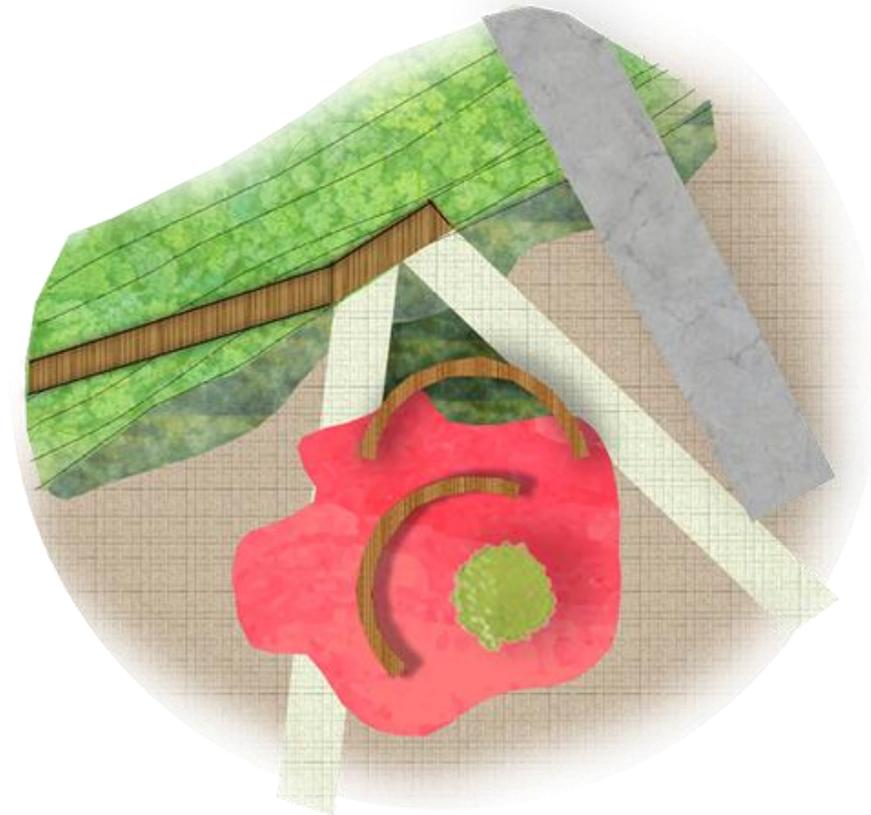


Fig. 15: Planta do projeto afrocentrado para a praça do metrô e uso do Slam da Guilhermina. Fonte: Dorea, 2022.

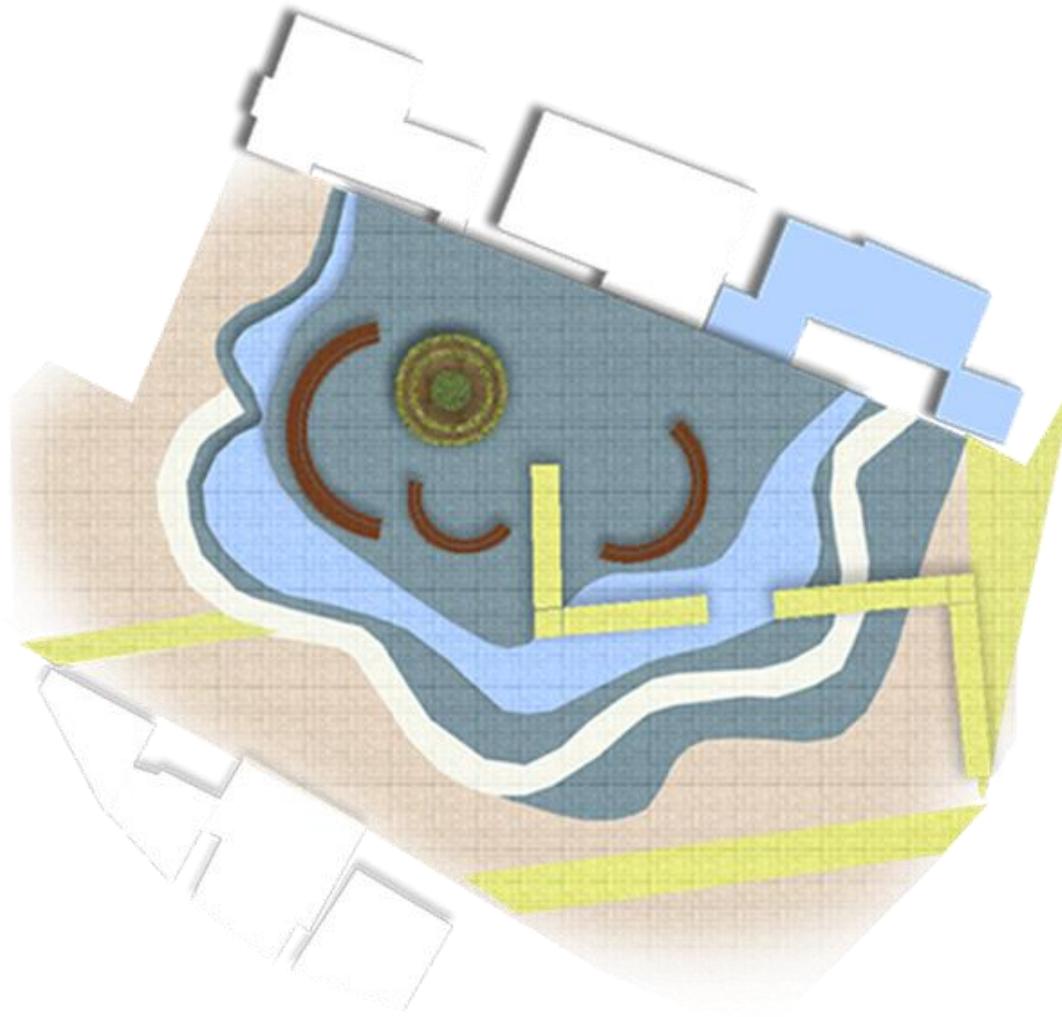


Fig. 16: Planta do projeto afrocentrado para a praça ao lado da Rua José Piedade, n.21. Fonte: Dorea, 2022.

Outro exemplo da materialização dessa diretriz é a conexão do barracão da Flor de Vila Dalila ao espaço público ao redor. Nessa proposição há a recuperação do córrego Aricanduva, desenho de piso integrativo e a revitalização da ponte que interliga as duas pistas da Avenida Aricanduva (Figuras 17 e 18).



142

Fig. 17: Planta do projeto afrocentrado para as áreas públicas ao redor do barracão da Flor de Vila Dalila. Fonte: Dorea, 2022.

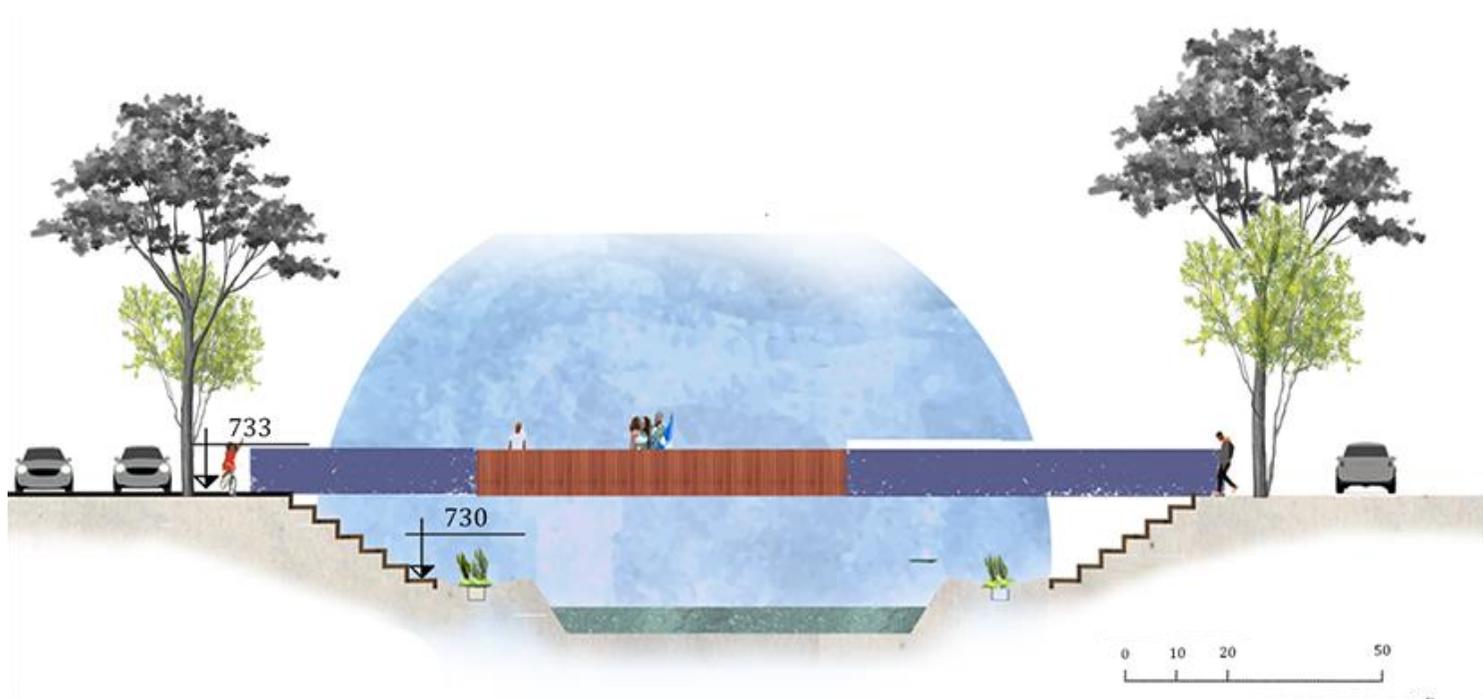


Fig. 18: Corte do projeto afrocentrado para as áreas públicas ao redor do barracão da Flor de Vila Dalila. Fonte: Dorea, 2022.

Natureza

Para a escolha da vegetação nas áreas verdes adotou-se a etnobotânica, que consiste na relação entre a comunidade e a vegetação. Selecionou-se espécies utilizadas nas religiões de matriz africana, não apenas por sua ancestralidade, mas também pelas relações intrínsecas às manifestações culturais como o samba e as práticas religiosas, buscando resgatar a memória negra. Essa conexão é evidenciada pelo relato de seu Nenê, que menciona a importância de recorrer a uma "saravazinho" (Braia & Silva, 2000) para abrir caminhos e garantir a vitória da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde. No Largo do Peixe, por exemplo, foram utilizadas para arborização a quaresmeira que possui forte ligação com a orixá Nanã, devido às suas folhas roxas, e a figueira-vermífuga ligada com o orixá Iroko (Azevedo, 2015), conforme figuras 19 e 20.

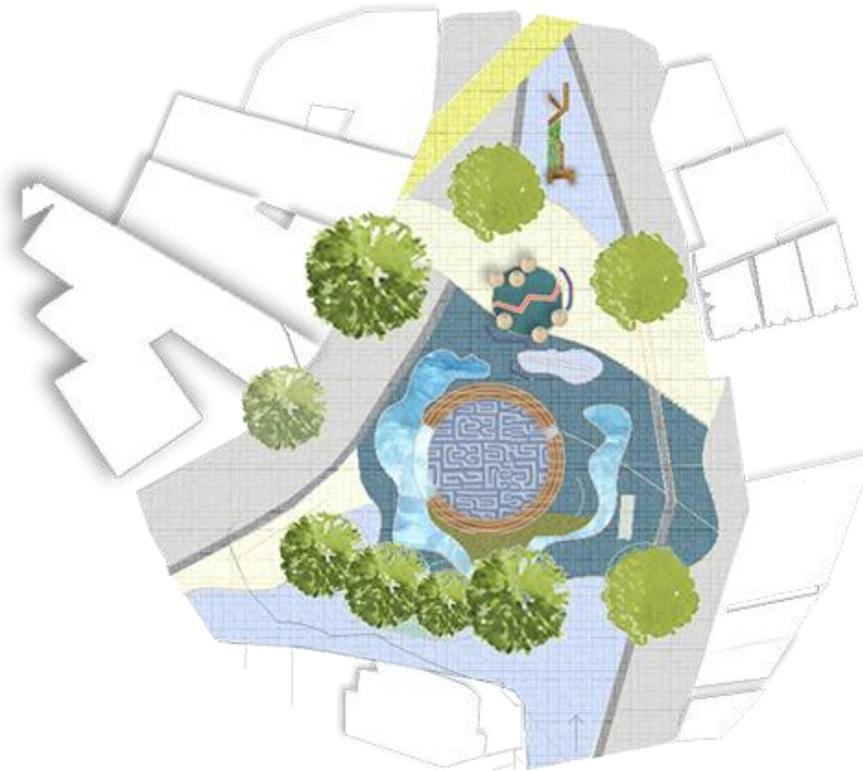


Fig. 19: Planta do projeto afrocentrado do Largo do Peixe. Fonte: Dorea, 2022.



Fig. 20: Corte do projeto afrocentrado do Largo do Peixe. Fonte: Dorea, 2022.

A natureza foi considerada também através da recuperação do córrego do Aricanduva, além disso, foram inseridos jardins de chuva com espécies vegetais como Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*) e alface d'água (*Pistia Stratiotes*), recomendadas para biovaletas.

Oralidade

As oralidades são exploradas na proposição de espaços de sociabilidade e por meio dos brinquedos sonoros (Figura 21), enquanto para as escolas, foi desenvolvido um módulo de oralitura para serem instalados nos recuos frontais externos, conectados ao espaço público. Os módulos funcionam como pequenas praças e possuem a função de empréstimos de livros de autores negros (Figura 22). O termo oralitura decorre do neologismo criado por Martins (2021), que rompe com a dualidade entre a palavra oral e a palavra escrita ao analisar os festejos e congados negros:

[...] matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, letra, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas (Martins, 1997, p. 21).

Os módulos de oralitura buscam, assim, a intersecção entre a memória oral, ao estarem associados aos territórios negros do samba e do *slam* do entorno, e a memória escrita, quando resgatam e democratizam as vozes negras presentes em registros escritos. Por fim, a ancestralidade é transversal às diretrizes propostas e ao desenho formal do projeto. Ela materializa-se nas representações que resgatam a história e memória afro-brasileira, dando vozes e reverenciando os antigos.



Fig. 21: Brinquedos sonoros. Fonte: Dorea, 2022.

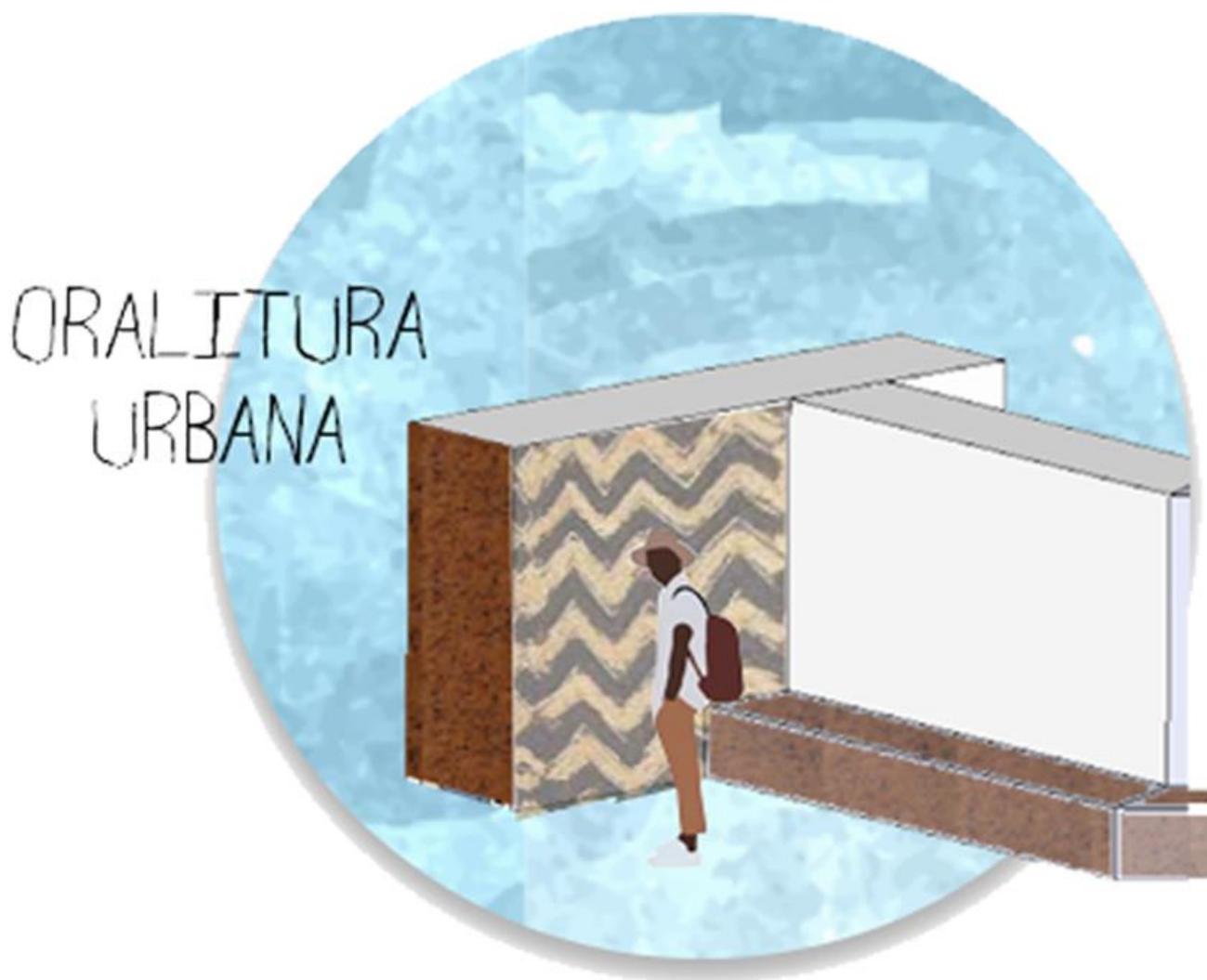


Fig. 22: Espaço de oralitura. Fonte: Dorea, 2022.

5 Considerações finais

A valoração e a materialização da memória negra no distrito da Vila Matilde contribuíram para ampliar a leitura da paisagem urbana e do processo de projeto atrelado à constituição da paisagem rompendo as narrativas embasadas no eurocentrismo. Neste estudo, buscou-se epistemologias inseridas no debate decolonial, permitindo entender como a hierarquização do saber se reflete no espaço urbano, e da afrocentricidade, conduzindo o olhar a práxis projetual paisagística e da memorialização a partir das culturas africanas e afro-brasileiras que caracterizam os territórios negros do distrito. Buscou-se então, caminhos para a condução da materialização da memória negra no espaço urbano a partir de um processo de projeto afrocentrado, além de trilhar rotas para as possíveis formas de memorialização e identidade através da cosmovisão africana e cultura afro-brasileira. Repensar a práxis projetual configurou-se como um desafio, considerando a disseminação das formas de projetar a partir do eurocentrismo no ensino de Arquitetura e Urbanismo e a fragmentação de materiais acadêmicos que relacionam afrocentricidade, cultura negra, arquitetura, urbanismo e paisagismo.

Os questionamentos frente à constituição eurocêntrica da paisagem urbana vão além do projeto e produto. O processo projetual estruturado a partir da cosmovisão africana tornou-se ferramenta no resgate da identidade negra no espaço urbano. A elaboração deste processo de projeto afrocentrado, e inserido no debate decolonial, foi essencial para evidenciar outras perspectivas da relação entre espaço urbano, projeto paisagístico, identidade e memória. Tal visão foi ampliada ao extrapolar os limites da forma, do desenho e de elementos ocidentais de memória no espaço urbano, e ao fazer uso de elementos da natureza compreendendo a paisagem além da dimensão visual. A proposição do processo projetual a partir da

afrocentricidade, no entanto, não se esgota no projeto e estudos aqui propostos. Este estudo também busca fomentar continuidades nos debates e discussões acerca dos processos de projeto contra-hegemônicos, decoloniais e afrocentrados no campo da arquitetura, urbanismo e paisagismo.

Referências

- Almeida, G. S. S., Reis, M. C., & Silva, J. S. (2020). Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais. *Revista Teias*, 21 (62), 131-143. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/49419/34981>.
- Asante, M. K. (2016) Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. *Ensaios Filosóficos*, 14(13), 9-18. https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/00_Revista_Ensaios_Filosoficos_Volume_XIV.pdf.
- Azevedo, V. A. M. (2015). *Ewé Igbo: árvores sagradas do Candomblé no contexto socioambiental* (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, Brasil.
- Belo, V. L. (2008). *O enredo do carnaval nos enredos da cidade: dinâmica territorial das Escolas de Samba em São Paulo* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Bernardino-Costa, J., & Grosfoguel, R. (2016). Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 15-21. <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077>.
- Braia, A., & Silva, A. A. (2000). *Memórias do Seu Nenê de Vila Matilde*. São Paulo: Lemos-Editorial.
- Celestino, M. A., Dorea, T. A. V., & Melo, E. B. (2021). Decolonizando a Vila Matilde: um outro olhar do território a partir do Largo do Peixe. In *Anais do III Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural* (pp. 539-560). São Paulo, Brasil.
- Cunha Junior, H. (2010). Ntu: Introdução ao pensamento filosófico bantu. *Educação em Debate*, 32(59), 25-40. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15998/1/2010_art_hcunhajunior.pdf.
- D'Andrea, T. (2010). *Segregação socioespacial e escolas de samba na cidade de São Paulo*. HISTÓRICA (SÃO PAULO. ONLINE), 6(40). <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia04/>.
- Doro, M. P. M. (2006). *Vila Nova Savóia*. (Volume 28). São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico. Série História dos Bairros de São Paulo.
- Dorea, T. A. V. (2022). *Poeticidades Diaspóricas: subjetividades pretas nas ruas da Vila Matilde* (Monografia). Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Gineste, J. M. N. (2016). O conceito de desenvolvimento: da modernização à sustentabilidade. *Revista de Economia Política*, 24(2), 229-249. <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5412/1/JMNGineste.pdf>.
- Halbwachs, M. (1992). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora.
- Lynch, K. (2011). *A imagem da cidade* (J. L. Camargo, Trad.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Malomalo, Bas'Illele (2019). Filosofia africana do Ntu e a defesa de direitos biocósmicos. *Filosofia Africana: Pertencimento, resistência e educação*, 10 (2), 1-20. 2022.
- Martins, L. M. (2013). *Afrografias da Memória: Literaturas e Autobiografias de Escritoras Afro-brasileiras*. São Paulo: Editora Malê.

- Martins, L. M. (2021). *Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Editora Malê.
- Melo, C. N. (2021). A encruzilhada e as possibilidades do protagonismo da juventude negra: o caso do Slam da Guilhermina (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.
- Moassab, A., & Name, L. (2020). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: EDUNILA.
- Museu da Pessoa. (2021). História - *Paixão pelo Carnaval, história de Cláudio Pedro Barbosa Adão*. <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/paixao-pelo-carnaval-9933>.
- Nascimento, A. (2002). *Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Brasília: Fundação Palmares; Rio de Janeiro: OR Editor Produtor.
- Nogueira, R. (2012). Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN*, 6, 147-150.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*, 117-142.
- Rede Nossa São Paulo (2021). *Mapa da Desigualdade 2021*. Available at <https://www.nossasaopaulo.org.br/2021/10/21/mapa-da-desigualdade-2021-e-lancado/>.
- Reis, M. C., Silva, J. S., & Almeida, G. S. S. (2020). Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais. *Revista Teias*, 21(62), 131-143. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052020000500131&lng=pt&nrm=iso.
- Reut, J. (2018). Out of time: Saindo do Tempo. *Landscape Architecture Magazine*, 108(4), 1-21. <https://landscapearchitecturemagazine.org/tag/sara-zewde/>.
- Rodrigues, G. B. (2018) *Aberto ao público? espaços privados de uso público em São Paulo e Nova York*. (Tese de Doutorado). Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo, São Paulo, Brasil. <https://dspace.mackenzie.br/items/9032012a-c957-41e5-a9ce-0bde2b2f9278>.
- Rolnik, R. (1989). Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, 17, 1-17. <https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territ3b3rios-negros.pdf>.
- Srs. da Regional da Penha, anotem o endereço da Vila Matilde. (1979, 1 de março). *Diário da Noite*. <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22Largo%20peixe%22&pagfis=77017>.
- Solis, V. N. F. (2019). Aspectos acerca da construção da memória negra e do samba no Rio de Janeiro. In *Anais do 8º Simpósio Nacional de História Cultural da Associação Nacional de História (ANPUH)*. https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554588219_ARQUIVO_AspectosacercadaconstrucaodamemorianegraedosambanoRiodeJaneiro-Anpuh2019.pdf.
- Vosloo, P., & Young, G. (2020). *Isivivane, Freedom Park: A critical analysis of the relationship between commemoration, meaning, and landscape design in post-apartheid South Africa*. *Acta structilia*, 27(1), 85-118. http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_xt&pid=S2415-04872020000100004.